

REVISTA DO ITAÚ PERSONNALITÉ Nº 23 | ANO 6

PERSONNALITÉ

ZICO

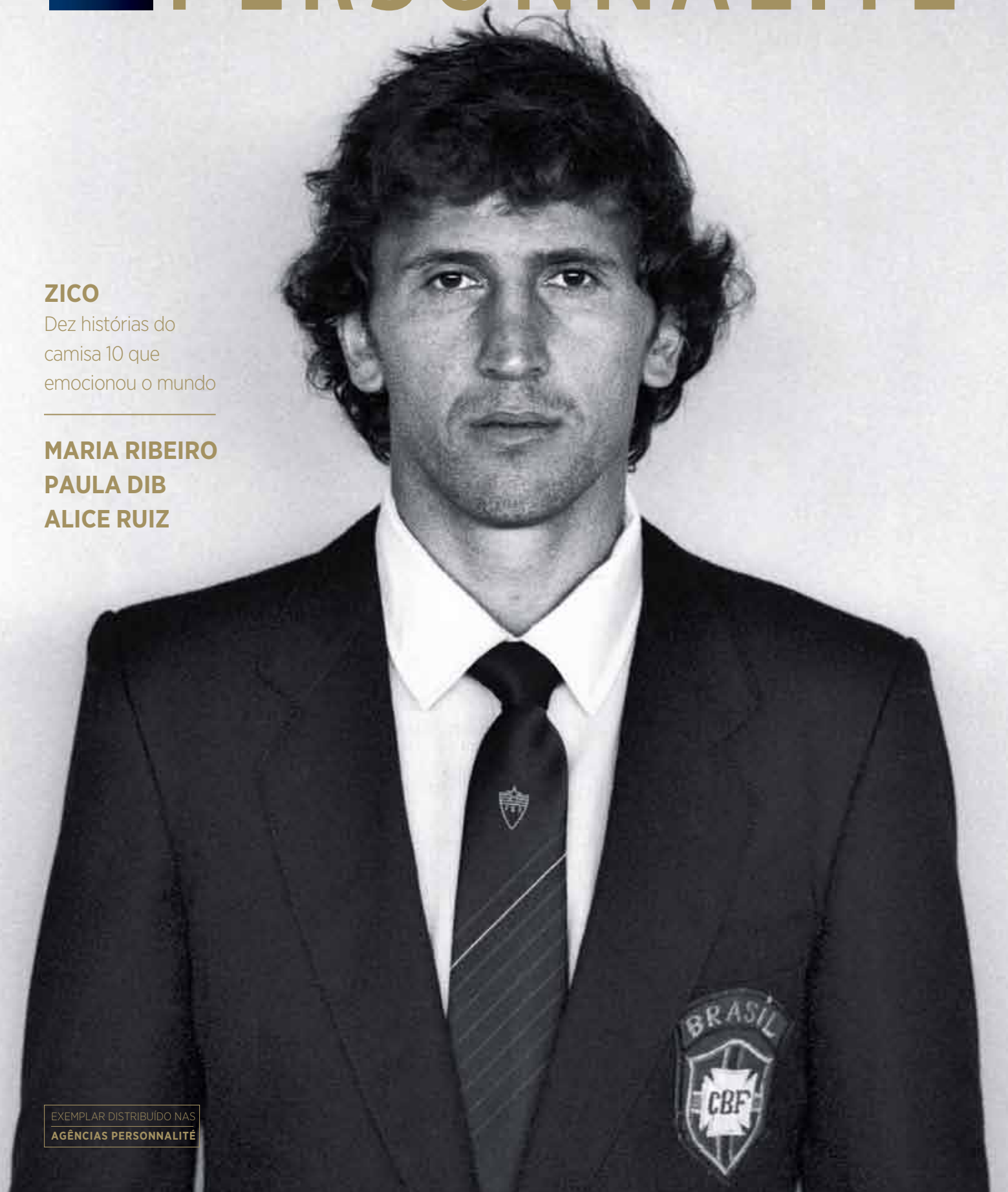
Dez histórias do
camisa 10 que
emocionou o mundo

MARIA RIBEIRO

PAULA DIB

ALICE RUIZ

EXEMPLAR DISTRIBUÍDO NAS
AGÊNCIAS PERSONNALITÉ





POR *Leticia de Castro* FOTOS *Marcos Vilas Boas*

“A BELEZA SALVARÁ O MUNDO”

A designer e articuladora social Paula Dib entende a comunidade antes de transformá-la com ações criativas e artísticas. E quando fala em beleza se refere à “beleza do esmero, do tempo e do cuidado”



E scola Villier's High School, periferia de Londres. A maioria dos alunos é estrangeira. Episódios de violência são frequentes. Paula Dib chega à instituição com a missão de promover uma convivência mais pacífica. Ela ouve os alunos e percebe um traço em comum: todos expressam claramente o desejo de “deixar uma marca” no mundo. Depois fala com professores e funcionários. Pronto. Isso é suficiente para Paula estimular os alunos a desenhar suas interpretações sobre o que havia sido conversado. As criações viram uma grande mandala, instalada no pátio da escola, em uma área descrita por muitos como um espaço sem muito significado. Com isso, o ambiente na escola se transforma e os problemas diminuem. “A ação permitiu que os estudantes fortalecessem os vínculos de convivência e trabalhassem melhor as diferenças”, conclui. A fala otimista, os olhos verdes e o sorriso largo anunciam uma moça de pretensões simples, entregue ao trabalho artesanal. Mas não se engane: Paula Dib – designer, consultora e articuladora social – é, antes de tudo, uma transformadora.

Aos 36 anos, ela conseguiu o que ONGs e, às vezes, comunidades inteiras passam anos buscando: reunir artesanato e design criando produtos úteis, bonitos, competitivos e, claro, rentáveis. E Paula fez isso com as mãos. Com arte. Habilidade e criativa, foi aprendendo a ler as demandas das mais diversas comunidades por onde passou para ajudar a transformar arte e matéria-prima locais em produtos úteis.

Quando dizemos “com as mãos” é de forma intencional, já que o fato de a designer só possuir uma delas não altera nem as habilidades nem a disposição da moça. Paula nasceu sem parte do braço esquerdo e lida com isso com enorme disciplina e naturalidade. “Não sei como seria ser diferente do que eu sou. Uso as ferramentas que tenho da melhor forma possível. Meus pais nunca fizeram disso uma diferença muito grande, sempre me incentivaram a descobrir o meu jeito de fazer as coisas”, comenta a designer.

A grande transformação de Paula se deu aos 18 anos, quando ganhou dos pais uma viagem para a Austrália. Tinha acabado de concluir o ensino médio em uma escola Waldorf e passado no vestibular para o curso de artes plásticas. Mas

“ADORO A PARTE CRIATIVA, MAS TORNAR ESSAS CRIAÇÕES VIÁVEIS ECONOMICAMENTE É FUNDAMENTAL”

achou que um giro pelo mundo faria bem antes de iniciar a nova etapa da vida. Partiu para Queensland para passar sete meses estudando inglês. Chegando lá, não se encantou com as praias. Queria conhecer um outro lado do país, aquele da

natureza selvagem, dos costumes tradicionais. Com a ajuda de um professor, conseguiu autorização do governo para conhecer uma tribo aborígene em Darwin, no norte do país, e participar de um projeto que ensinava os moradores a lidar com o lixo de forma responsável. “Acabei ficando dois meses com a tribo. O que eu mais gostava era observar como aquelas pessoas trabalhavam, como se relacionavam”, recorda Paula.



Mesmo sem perceber, ela estava começando a trilhar os primeiros passos do caminho profissional que adotaria muitos anos depois. Hoje, à frente da Trans.Forma Design, ela desenvolve projetos de geração de trabalho e renda junto a comunidades de artesãos urbanas e rurais, resgatando técnicas de produção tradicionais e ajudando no desenvolvimento e escoamento de produtos – a comercialização dessa produção é parte fundamental do seu trabalho. “Adoro a parte criativa, mas a articulação para tornar essas criações viáveis economicamente é fundamental.”

O início dessa trajetória se deu uns cinco anos depois da viagem à Austrália, quando ela concluiu o curso de desenho industrial na Faap. Após uma nova temporada fora do país, voltou para São Paulo e assistiu a algumas palestras sobre



É arte. É fonte de renda

O escoamento dos produtos é uma etapa importante dos projetos em que Paula se envolve, já que gerar renda é uma de suas principais metas. Por isso, cada ação tem uma forma específica de comercialização. A empresa Caboclo, por exemplo, responsável pelo trabalho com os sapateiros do Ceará, vende prioritariamente para fora do país, mas aceita encomendas nacionais por e-mail. Geralmente, as ONGs com que ela trabalha articulam vendas em grandes feiras de artesanato, como a Craft Design e a Paralela, que têm foco em produções autorais e manuais. Lá, as peças são vendidas principalmente para lojistas. Para o consumidor final, é possível encontrar peças em lojas como Conceito Firma Casa, Histórias na Garagem e Tok & Stok.



a produção artesanal brasileira no museu A Casa e se apaixonou por aquele universo. “Achei fascinante. Fazia todo sentido para mim”, conta a designer, que logo se engajou em um trabalho voluntário com marceneiros da favela paulistana Monte Azul. Desde então, nesses últimos dez anos, ela se associou a ONGs, fundações e inúmeras prefeituras, pondo em prática mais de 40 projetos no Brasil e em países como Moçambique e Inglaterra.

FORMA E CONTEÚDO

O que Paula mais busca nas ações que comanda é uma coerência entre forma e conteúdo, não apenas nos produtos que ajuda a desenvolver, mas também nos processos que levam à criação desses produtos. “Em todos os casos, projetar um caminho para melhoria pede um olhar atento às nuances e particularidades de cada lugar. Um passo depois do outro que vão conduzir a um modelo de desenvolvimento adequado.”

Tudo começa com uma observação atenta e minuciosa da comunidade em que o projeto será encampado. Logo que chega, a designer gosta de sair com os artesãos para um passeio pela cidade, de ouvir as histórias das pessoas, do lugar e de observar como se relacionam. “A Paula é extremamente sensível, capaz de captar as coisas rapidamente e de conquistar a confiança das pessoas. Isso é fundamental para o tipo de trabalho que desenvolvemos”, diz a também designer Renata Mendes, parceira de Paula em vários projetos. A partir dessa observação, das conversas informais, Paula faz um diagnóstico das necessidades e características daquela comunidade, levando em conta que tipo de matéria-prima está disponível e que tipo de produtos pode ser criado de forma sustentável. Com essas informações, parte para a definição dos produtos, que podem ser utensílios domésticos, peças de decoração, brinquedos, calçados.

Dessa forma ela conseguiu recuperar, junto a um grupo de sapateiros na região do Cariri, Ceará, produtos e técnicas muito antigas que estavam se perdendo. “Com a instalação de indústrias de calçados na região, os sapateiros artesãos começaram a perder espaço e, para fazer frente à concorrência, aumentaram brutalmente a produção, reduziram custos, tudo para poder vender produtos mais baratos para a população local”, conta a designer. O primeiro passo do projeto foi resgatar o tempo e o cuidado com a produção de cada peça. Assim, os artesãos puderam se ater aos detalhes e se esmerar mais na fabricação, o que mudou o produto final.

Relíquias e memórias

Objetos adquiridos nas andanças pelo mundo preenchem a casa de Paula

1. **Escultura xavante** de Barra do Garça, Mato Grosso, comprada durante trabalho com indígenas
2. **Tecido africano** de Pemba, Moçambique, que Paula coleciona e com que faz almofadas e roupas
3. **Azulejos do Recife** que ganhou de grupo que visitou
4. **Ex-votos** de Juazeiro usados para fazer promessas relacionadas a problemas de saúde
5. Integrante da tribo Massai, no Quênia, tirou o **colar** do pescoço para dar à designer
6. Paula coleciona **filós**, um tipo de lamparina. Esta é feita de cera e foi comprada no Ceará
7. **Escultura** do centro Mestre Noza, em Juazeiro do Norte, Ceará
8. **Castiçais** esculpidos em ébano na comunidade Mtwara, Tanzânia
9. **Azulejos** Guludos feitos por Paula junto com grupo de mulheres de Moçambique
10. **Sinos de bode** de Exu, Pernambuco. Paula os coleciona
11. **Escultura de madeira oca** usada por meninas da comunidade de Masasi em rito de passagem para a vida adulta
12. Depois de dar workshop na Venezuela, Paula visitou o artesão que faz estes **bonecos**
13. Durante trabalho com rendadeiras no Maranhão, Paula comprou **filós** (lamparinas de querosene) para sua coleção
14. **Bonecos** da cidade de Esperança, na Paraíba, que ficaram famosos ao virarem uma cadeira dos irmãos Campana
15. **Marionetes** da cidade de Bodocó, Pernambuco, compradas quando visitou um curtume
16. Durante pesquisa com mestres de brinquedos em Recife, Paula ganhou **ratinhos e borboletas**
17. **Calangos** do Centro Mestre Noza, de Juazeiro do Norte, que faz esculturas em madeira
18. **Minimáquina de costura** feita por artesão do Ceará com latas de óleo
19. **Peneiras para lavar arroz** de Pemba, Moçambique. São feitas com furos de pregos
20. **Maraca xavante** de Barra do Garça, Mato Grosso
21. **Colheres** esculpidas em ébano pela comunidade Mtwara, na Tanzânia





“PAULA TEM UMA CAPACIDADE DE INOVAÇÃO ABSURDA E CONSEGUE ALIAR ARTESANATO E TECNOLOGIA”

“Eles precisavam produzir uma quantidade enorme, pois o preço era baixo. Nós devolvemos a eles o tempo e o esmero na produção. Os sapatos ganharam qualidade e valor agregado”, afirma Paula. Depois disso, os calçados de couro que antes eram vendidos para a população local a cerca de R\$ 8 passaram a ser exportados por aproximadamente R\$ 60. Hoje, são vendidos em países como Japão, Espanha e Finlândia. O projeto, feito em parceria com a empresa Caboclo, à qual Paula se associou, conseguiu também organizar em uma rede vários artesãos que trabalhavam de forma isolada, aumentando a capacidade produtiva de todos.

Com essa abordagem, Paula se tornou uma referência no design nacional. “O design e o artesanato eram muito distantes, havia um desprezo pelo artesanal. Há uns 20 anos vemos uma aproximação, e a Paula se tornou um dos grandes nomes nessa área”, diz a jornalista e crítica de design Adélia Borges, que dá o curso de história do design na graduação de desenho industrial da Faap. “Como aluna, Paula também sempre se destacou. Era extremamente interessada e já demonstrava esse olhar social”, completa.

Para o coordenador do curso e professor da disciplina ecodesign, Milton Francisco, Paula está na vanguarda de um movimento que começou há três décadas no design brasileiro. “Desde os anos 1980, as questões ambientais estão na pauta. Paula amplia essa discussão e propõe uma ação social em seus projetos. E isso não é usado como marketing, ela tem uma atuação muito bem fundamentada e séria”, afirma.

Também parceira de Paula em alguns projetos, Jô Masson, coordenadora executiva da Artesol (braço dedicado

ao artesanato da ONG Comunidade Solidária, fundada por Ruth Cardoso), destaca a força criativa da designer. “Ela tem uma capacidade de inovação absurda. Consegue olhar para o artesanato e para a tecnologia e aliar essas duas linguagens no seu trabalho.”

PÉ NA ESTRADA

Com uma rotina de trabalho intensa, nos municípios mais remotos do país (e do mundo), Paula passa pouco tempo em casa, vira e mexe está em algum vilarejo nos grotões do país. Seu principal companheiro nessas jornadas é o poeta Manoel de Barros. Ao fim de cada dia, depois da imersão no trabalho dos artesãos, ela se refugia nas palavras do poeta cuiabano. É lá que encontra inspiração para suas criações e para encarar a realidade muitas vezes árida que se apresenta no caminho: a pobreza e a falta de perspectiva que a maioria dessas comunidades enfrenta no dia a dia.

“Eu acredito que a beleza salvará o mundo. A beleza do esmero, do tempo, do cuidado”, crava a designer. Seu trabalho é baseado nessa premissa. Tanto que, além dos tradicionais relatórios, necessários para as empresas que a contratam, todo seu trabalho é documentado em forma de “gotas”, pequenas narrativas livres e poéticas que ela escreve e divide, quase diariamente, com o marido, o escritor Antonio Lino, sempre que está fora de casa. É uma espécie de diário de bordo que o casal compartilha.

Quando esteve em Moçambique, na África, no trabalho que considera até hoje o mais marcante de sua carreira, ela escreveu: “Tenho certeza que é possível encontrar visões que contrariam a minha, mas esta é a que meus olhos otimistas insistem em me mostrar. Não estou cega às injustiças, não. Guardo em mim referências de muitos mundos e sei bem reconhecer a penúria desta gente. Talvez por isso, nestas horas, saltem aos meus olhos os sorrisos, e seja verdadeiramente impossível não reconhecer o valor deles”.

Além da poesia de Manoel de Barros, Paula carrega sempre consigo uma câmera fotográfica. Gosta de registrar detalhes dos lugares por onde passa, das pessoas com quem produz, do clima. “Funciona como um exercício para o olhar, para nunca cair na mesmice, para estar sempre atenta e curiosa.” ■



Baixe a *Revista Personnalité* no iPad e assista ao vídeo com Paula Dib